

Associação Cinematográfica de Portugal

Focam-se, numa reportagem sintética, os trabalhos da Assembleia Geral, no caso denominado

“BRIGADA CINE-PORTUGUESA”

Na séde do Gremio dos Artistas Teatrais, gentilmente cedida para esse efeito pela respectiva Direcção, reuniu-se no passado dia 26 de Agosto a Assembleia Geral extraordinária da A. C. de Portugal, convocada especialmente para discutir da brigada «Cine-Portuguêsa» ás nossas possessões ultramarinas.

Aberta a sessão ás 16 horas, sob a presidência do sr. José Climaco, vice-presidente da Assembleia Geral; secretariado pelos srs. Alfredo Ferreira Méca e Julio Salustiano Rodrigues, no impedimento dos titulares dêsses cargos, o sr. Climaco, declara à Associação no periodo de antes da ordem dos trabalhos, agradecendo em calorosos têrmos a sua eleição para o cargo que occupa, e para o qual — diz — não dispõe mais do que da sua boa vontade. Mas se essa é suficiente, coloca-a inteiramente ao serviço da Associação Cinematográfica de Portugal.

Lamenta depois que à Assembleia não esteja assistindo, como era seu dever, um maior número de socios, para que assim se patenteasse publicamente a vitalidade da A. C. P. Pediu por ultimo a todos os presentes que conduzissem a discussão em termos alevantados e corrêtos, afim de que se mostre a toda a gente que se não é numerosa a assistencia, ela é pelo menos, escolhida e de mentalidade elevada.

Mandou lêr depois o expediente, entre o qual figura uma carta do presidente da A. G., sr. João de Sousa Fonseca, que fazendo, diversas considerações acerca do caso denominado «Brigada Cine Portuguêsa», péde a sua demissão do cargo em que foi investido, por se julgar melindrado por um dos membros da Direcção, a quem acusa na mesma carta, de ter publicamente feito varias considerações que considera acintosas.

Lida é aprovada, sem discussão, a acta da sessão anterior, o sr. presidente faz várias considerações sobre o conteúdo da mesma carta, interrogando a Assembleia acerca da conveniencia de enviar um delegado seu, convidando o sr. João de Sousa Fonseca a assistir a esta reunião.

Trocadas impressões sobre o assunto, a Assembleia manifesta a sua extranhêsa pela falta de comparencia dêste senhor e tanto mais que a ordem dos trabalhos lhe interessa directamente. É depois resolvido que se procure o sr. Fonseca para o que a Assembleia suspende os seus trabalhos pelo espaço de 5 minutos.

Reaberta a sessão, a Assembleia é informada pelo sr. Valentim da Cunha que acaba de comunicar telefonicamente com o sr. Sousa Fonseca, que êste senhor lhe participou não poder por razões de ordem pessoal, assistir á sessão que está decorrendo. No entanto péde para que seja comunicado aos socios presentes que o seu ponto de vista na questão em debate se baseia sómente no facto de a organização da Brigada em fóco, ter sido feita sem prévia consulta da A. C. de P., entidade para esse fim designada, visto que constitue um sindicato profissional legalmente organizado.

O sr. Valentim da Cunha, aproveitando o circunstância de estar no uso da palavra, péde para que na acta fique consignada voto de censura pela falta de comparência dos consócios que tinham o imprescindível dever moral de estar presentes. (aprovado)

Seguidamente, entrando no periodo da ordem dos trabalhos, o sr. presidente lembra a conveniencia de se con-

vocar uma nova Assembleia, com a comparência de maior número de socios, e do sr. João de Sousa da Fonseca, para que o caso da «Brigada Cine-Portuguêsa» seja discutido ampla e largamente, como deve ser.

O socio sr. João Quaresma, envia para a mês a seguinte proposta: *Proponho que se encarregue a Direcção de resolver por completo o assunto, visto considerar nefasto para o bom nome da A. C. de Portugal, o declarar-se publicamente que a Assembleia não resolve o assunto em vista do abandono a que a votaram os seus associados.*

Admitida esta proposta por maioria e submetida á discussão, falam sobre ela os srs. Augusto Claro—excepcionalmente autorizado para isso pela A. G.—e o sr. Arbués Moreira. Esta proposta é depois reprovada por maioria.

A Direcção da qual estão presentes os srs. Rafael Alves, presidente; Valentim da Cunha, vice-presidente; Arbués Moreira, 1.º secretario—envia para a mês a seguinte proposta:

«A Direcção desejando esclarecer assuntos da mais capital importância para o prestígio da sua colêktividade propõe á A. G.—1.º, encerrar a sessão para hoje convocada, visto a não comparência do sr. João de Sousa Fonseca, poder deixar duvidas sobre a orientação a dar á mesma.

2.º Pedir a convocação desde já, para a próxima sexta-feira, pelas 21 horas, de nova Assembleia pedindo que lhe sejam concedidos plenos poderes para conseguir a comparência do mesmo senhor e de todos os elementos necessários para o esclarecimento do assunto.

Submetida a proposta á sanção da Assembleia é admitido e aprovada por unanimidade, após ligeira discussão sobre o seu conteúdo por parte de varios oradores.

Em conformidade com o que nela se expõe é aberto o periodo de antes de encerrar a sessão, sendo, proposta da Direcção exarado dois votos de louvôr: Um, ao sr. José Climaco, pela fórmula alevantada e inteligente como orientou os trabalhos da Assembleia Geral. Outro, á Direcção do G. dos Artistas Teatrais pela gentilêsa da cedência da suas salas para a realização da Assembleia. (Aprovado por unanimidade).

Antes de encerrar a sessão o sr. presidente, num discurso vibrante e entusiástico, incita a Assembleia a dignificar a A. A. de Portugal, á qual—promete—dará o seu melhor esforço. Péde para que os sócios actuaes chamem ao seu seio todos os elementos de valôr que a possam engrandecer e faz votos pelas suas constantes prosperidades para que a indústria cinematográfica em Portugal seja um facto.

Em seguida, após terem feito uso da palavra os srs. Arbués Moreira e Augusto Claro, foi a Assembleia encerrada por entre entusiásticos aplausos.

*

* * *

Sexta-feira, 31 de Agosto, ás 21,30 horas. A segunda Assembleia Geral extraordinária da A. C. de Portugal, reúne novamente, como fóra decedido na Assembleia transacta. A assistência embóra mais numerosa é ainda diminuta.

Na mês, o sr. José Climaco, presidindo, secretariado por Alfredo Méca e Julio Salustiano Rodrigues. A tribuna

da Direcção com as mesmas presenças e faltas da sessão anterior. Na tribuna da imprensa mais movimento, mais «reporters» dos jornais diários; uma presença quasi sensacional: a do jornalista sr. Antonio Lourenço—com o seu laço «à Lavalère»; Mario Pires o crítico do «Notícias» também dá uma volta pela Assembleia, mas fica ao fundo, num plano secundario—como a temêr-se dos olhares indiscretos...

As 21,45, o sr. presidente (Climaco) anuncia a sacramental frase:—«Está aberta a sessão».

Lida a acta da Assembleia transáta pelo sr. Méca, levanta o sr. Augusto Claro alguns reparos ácerca da sua redacção. Trocam-se explicações entre o oradôr, o sr. presidente e Arbués Moreira, sendo por fim aprovada com duas emendas.

Lido o expediente verifica-se que dele constam, o pedido de demissão de socios os srs. Alves da Costa e esposa D. Fernanda de Sousa e ainda o pedido de demissão do cargo de 1.º secretario da A. G. feito pelo consocio sr. Paulo Varandas.

Pôsto o expediente á discussão, levanta a carta do sr. Paulo Varandas, vivos protéstos da Assembleia, que unanimemente acusa esse consocio de querer «desertar». Esboça-se uma interpelação aos directores, feita pelo sr. Augusto Claro. O sr. Arbués Moreira responde em nome destes ao interpelante. Fala também o sr. José Amadeu Lourenço. Lavra por momentos grande agitação, a que o sr. presidente, inteligentemente põe cõbro, apontando aos oradores que estão fóra do assunto em discussão.

E' pôsto a votação a pedido de Paulo Varandas, sendo aceite por uma unanimidade, sem que o facto, frisa o sr. presidente, seja de menos consideração para com aquele senhor.

Os pedidos dos srs. Alves da Costa e esposa baixam á Direcção para os necessários feitos.

E arrumados estes assuntos perliminares, entra-se depois na

ORDEM DOS TRABALHOS

O CASO DA «BRIGADA CINE-PORTUGUÊSA»

Dada a palavra ao sr. presidente da direcção (Rafael Alves) interroga ele a Assembleia, ácerca do critério que esta julga dever adoptar em face da não comparencia, mais uma vês observada, do sr. João de Souza Fonseca.

O sr. Silvano de Vasconcelos interpêla a mêsá desejando saber se aquele senhor foi ou não prevenido ácerca da reunião. O sr. Valentim da Cunha e Alfredo Méca explicam, que, de facto, fizeram todas as «démarches» possíveis para que o sr. Fonseca comparecesse, não o conseguindo porém.

O sr. Méca explica, ainda, que se avistou com o director da «Brigada Cine-Portuguêsa», sr. Pedro Muralha e que este senhor, na impossibilidade de assistir á presente reunião, lhe pediu, para, em seu nome e sob a sua palavra de honra declarar á Ass. que a «Brigada» que dirige, não tem qualquer character official nem é subsidiada pelo Estado. Recebe tão sómente da Companhia Nacional de Navegação umas tantas passagens gratuitas, mas sem que o Estado, por esse facto, sofra qualquer prejuizo.

A Assembleia escuta com visiveis sinais de aprovação estas explicações, manifestando apenas a sua extranhêsa pela falta do sr. João de Souza Fonseca. E' no entanto deliberado que se prossiga na ordem da noite.

O sr. José Climaco, por afasêres inadiáveis, péde á Assembleia, que nomeie de entre os socios presentes um que o póssa substituir no cargo que ocupa.

Essa nomeação recáe sobre o sr. Luiz Magalhães, que é «inloco» empossado do cargo.

*
*
*

O sr. Arbués Moreira explica as razões que levaram a Direcção da A. C. de Portugal a convocar a reunião de

uma Assembleia Geral extraordinária, afim de se tratar da questão agora em fóco. Cita o facto de o sr. João de Souza Fonseca se ter dirigido, não á Direcção como depois afirmou publicamente na revista a «Imagem», mas sim particularmente ao sr. Amilcar de Souza, seu tesoureiro, formulando algumas suspeitas ácerca dum pretensio character official da «Brigada Cine-Portuguêsa»; condicionando a aquiescencia para a nomeação do cargo de presidente da Ass. Geral, com a abertura de um inquérito a rigôr para apuramento do que chamava nebuloso caso a «Brigada Cine-Portuguêsa»; manifestando imperiosos desejos de que se averiguasse da competência técnica, profissional e artistica dos componentes da «Brigada» citada; isto, por julgar não só a A. C. P. mas também ele proprio, lesádos nos seus interesses com a constituição desse nucleo cinematográfico.

O sr. Arbués Moreira, entra depois em apreciações ácerca do critério que a direcção julgou dever seguir.

—A Direcção, diz, não poder tomar conhecimento official da carta do sr. Souza Fonseca, visto que essa carta lhe não foi dirigida. No entanto, para salvaguardar o bom nome da colectividade, mandou proceder, particularmente também, a um inquérito. As informações que obteve, quadunam-se perfeitamente com aquelas que foram agora prestadas, pelo sr. Méca á Assembleia. A «Brigada Cine-Portuguêsa» não é official nem tão pouco subsidiada pelo Governo!

E logo depois referindo-se a attitude que o sr. Souza Fonseca, tomou publicamente e ainda no tocante a interesses de profissionalismo, porventura lesados:

—O sr. Souza Fonseca, difamou, a A. C. de Portugal, de que era presidente!... Esse senhor, pôde ter sido, como diz, um profissional da cinematografia. Mas, actualmente não o é! Ao que supponho, ele é director da «Voga». E a «Voga», jornal de senhoras, não é nenhuma fita!... (Risos)

O sr. Augusto Claro diz que o sr. Arbués Moreira não tem que ocupar-se da vida particular de nenhum consocio.

O sr. Arbués Moreira:—Perdão! Perdão! Eu falei na actual profissão do sr. João de Souza Fonseca, para justificar apenas que lhe não assiste qualquer razão para afirmar particular ou publicamente que a sua categoria em materia de cinêma é neste momento superior á de qualquer outro.

.....

* * *

O sr. presidente da direcção (Rafael Alves) lê depois, lamentado mais uma vês a falta do sr. Souza Fonseca, um elequente discurso, do qual recortamos alguns trechos, dada a impossibilidade de o reproduzir na integra.

Num éco publicado na revista Imagem formulavam-se ironicamente desejos de saber «qual» a utilidade da Associação C. de Portugal. Numa carta publicada no n.º 2 da mesma revista o Sr. João de Souza Fonseca, presidente da A. G. da Associação, aplaudindo com entusiasmo o referido éco dizia: desejar anciosamente conhecer a verdade sobre a Associação e vêr o que dela resulta «e num post scriptum da mesma carta o mesmo senhor fazia a seguinte curiosa pergunta: «Se o sindicato é profissional poder-se-ha saber se todos os socios são profissionais e porquê? Ao menos terão todos... profissão mesmo á margem de assuntos cinégraficos?»

A Associação comquanto não tenha grandes interesses de profissionais a defender tem contudo bastante por onde possa expandir a sua actividade e pode desempenhar um grande papel já auxiliando, encaminhando e procurando desenvolvêr a indústria nascente já acompanhando todo o movimento cinematográfico nacional e estrangeiro, já estudando

a fôrma de, em futuras leis, se proteger a indústria e até produzindo ela própria, com os seus associados, alguns filmes. Um nucleo como este é sempre util. E' uma fôrma de congregar esforços que dispersos nada poderiam produzir.

Disse-se que é preciso que a Ass. se imponha e mostre a sua fôrça.

Mas como, se a fôrça de uma Ass. de Classe depende do interêsse que os seus associados por ela mostram e da fôrça que eles lhe emprestam. E' essa mesmo a sua unica fôrça. Se os sócios a abandonam, se na imprensa se faz impunemente propaganda de sua inutilidade, se o proprio presidente da Ass. Geral grita aos quatro ventos que tem duvidas sobre os resultados praticos de tal empecilho, se a ridicularizam se a achincálham, se a deixam sem recursos para ocorrer até ás suas méras despêsas de expediente, como actualmente acontece, os que deviam interessar-se por ela, acarinhá-la e prodigalizar-lhes os meios morais e materiais de se impôr, de caminhar e de triunfar, eu pergunto: o que é que se espera de tal situação e como é que tal organismo se poderá manter e justificar a sua existencia? Que admira que amanhã o Estado lhe não ligue importância ou que os produtores, os industriais de filmes passem de largo sem querer saber da existencia de tal organismo se são os proprios socios os primeiros que se afastam parecendo que nada esperam dele? Assim não. Assim não se pôde caminhar e para isto não vale realmente a pena ter uma Associação de Classe.

Para que a indústria possa caminhar, em Portugal, diz-se, ser indispensavel conquistar os mercados estrangeiros. Tambem é facil disê-lo! Outras indústrias bem mais antigas e para as quais se não exige o fabuloso capital de que esta necessita não o tem conseguido em anos de profiada luta.

Fála-se nas nossas belêsas naturais e no nosso lindo sôl como elementos suficientes para impôrem, só por si, o filme no estrangeiro. Isso dá apenas algumas belás fitas panorâmicas e já não é pouco, como propaganda do nosso país.

Esta é a verdade, embora pése aos exaltados patriotas que oxalá se compenetrem dela para então se trabalhar a valêr.

Eu não estou a disêr isto por méro prasêr de disêr mal mas por necessidade de que a verdade se diga e para que se vejam as coisas praticamente com êsse espirito pratico que aos estrangeiros tanto têm servido para fasêr caminhar os seus países e com essa verdade que em Portugal ninguem quer ouvir e que, quando aparece, é alcunhada de derrotista!

Para a introdução dos nossos filmes no estrangeiro é preciso proceder com enorme intelligencia e habilidade.

Há talvez um exemplo a seguir:

E' o de Manuel Luiz Vieira que no seu filme o Fauno das Montanhas vai, á sombra de um ligeiro e despretencioso entrecho, obrigando o espêctadôr a contemplar as belêsas do nosso lindo país, sendo esta a principal rasão de sêr e a base do filme. Isto para começar. Querêr ir muito depressa é ficar no caminho. É não nos devêmos esquecer nunca, de que estes trabalhos têm de sêr muito perfeitos, técnicamente.

A passagem para o écran das obras dos nossos escritôres, que interessem apenas á gente da casa, ou a apresentação de grandes e complicados entrechos em que se exibam os nossos «enormes» artistas dentro de luxuosas e artisticas decorações, afigura-se-me um êrro crasso, porque ficarêmos sempre muito áquem do que lá fóra se faz.

Não tenhâmos, de repente, aspirações demasiadas. Se não podêmos por agora receber as nossas visitas n'um grande e luxuoso salão onde a riquêsa e a arte se conjuguem para um deslumbramento recebêmo-las na nossa muito modesta mas muito aceada casinha de jantar e mostrêmos-lhe, pela janela aberta, a limpides do nosso céu azul, a luz doirada do nosso sôl, a suave belêsa das nossas campinas e a rude altivês das nossas serranias.

Tambem já ouvi dizer que era necessário que se produzissem filmes onde tudo fosse português desde os actores até ao metteur-en-scene e ao operador. Belo ideal que seria completo se até as maquinas, a pelicula e todo o material fotografico podessem ser productos da industria nacional!

Mas a Arte do Cinêma é a mais internacional de todas as artes, como muito bem disse Avelino d'Almeida.

Voltando porém ao assunto:

Responderei ao Sr. Presidente eleito da Assembleia Geral, que diz na sua carta desejar anciosamente conhecer a verdade sobre a Associação, que isso não deve ser coisa difficil de conseguir pois não me consta que a ideia da fundação desta viêsse envolvida em qualquer intuito reservado ou misterioso que nos pôssa levar a pôr em duvida as boas intenções dos que lhe dêram vida. Admiro-me tambem que o Sr. João de Sousa Fonseca aplauda os que ridicularisando-a duvidam da utilidade da Associação de que afinal aceitou o cargo de presidente da Assembleia Geral.

O cargo de P. da Ass. Geral de um organismo inutil e ridiculo deve ser uma coisa um tanto ou quanto... picarêsca.

Pergunta tambem o sr. João de Sousa Fonseca se os socios são todos profissionais visto o sindicato ser profissional se ao menos, têm... todos professão mesmo á margem de assuntos cinêgraficos. Há visto em primeiro lugar um desconhecimêto absoluto dos estatutos visto estes dizerem que profissionais só é obrigatório que sejam os socios efêtivos havendo outra categoria, a de socios auxiliares, para os quais se não exige atestado de profissionalismo. E' natural que todos tenham profissção; pelo menos nas propostas todos a indicam.

Mas não terá a pergunta seu ar sibilino? Já pelo menos varias pessôas lhe têm querido dar interpretação desagradavel, que certamente não têm impressão que Alves Moreira pretendeu, e muito acertadamente, desfazêr n'uma entrevista por ele concedida á revista «de Cinêma» e na qual declarava: «Não se julgue que sômos um côio de vadios».

Resta-me ouvir os socios nas censuras que entendem dirigir á actual direcção. Para isso julgo conveniente que todos possam livremente falar e rôgo á Assembleia que deixe fasêr uso da palavra, não só os sócios auxiliares, como tambem aqueles sócios efêtivos que, não estando em dia com o pagamento das suas côtas, estão impedidos de o fasêr pela letra dos nossos estatutos.

Pela minha parte declaro já, que com os nulos recursos materiais de que dispomos e com o nenhum auxilio moral e material que os sócios nos têm prestado nada mais posso fasêr. Tenho-me limitado a aprovar socios, a tratar do expediente e a defendêr o bom nome da Associação que é o que hoje aqui estou fazendo.

Tarefa inglória como os alicerces de uma casa, que ficam escondidos debaixo da terra, mas sem a solidês dos quais toda a construção ruiria. Como trabalho dispensavel julgo contudo que não o classificarão. Entende-se porém que não têmos satisfatôriamente preenchido os nossos cargos. Elejam-se outras pessôas para os ocupar. É facil o remedio e eu vou facilitá-lo mais ainda, demitindo-me já do lugar que occupo.

Ele pertence de direito a qualquer dos que, com tanto ardôr e entusiasmo pugnaram pela fundação desta Associação e que afinal nenhum cargo exerceu dentro dela, o que é injusto.

Quanto a mim sou um modestissimo e desconhecido artista a quem faltam em absoluto as qualidades de intelligencia, de ação, de mocidade e de expediente que tal cargo exige. Sei que não é costume falar assim nem é assim que se faz carreira mas sempre com esta sinceridade tenho falado e é

tarde já para arrear caminho. O meu nome artístico também se não impõe. Faço parte de uma «troupe de artistas ignorantes e ignorados» na classificação acertada, pelo menos na parte que me diz respeito, do crítico da revista «Imagem».

Talvêz outros com grandes pretensões se insurjam contra tal classificação; não eu, porque conheço as minhas forças e porque minha inteligência, embora débil, não tolera que a minha vaidade se lhe sobreponha com pruridos de ter attingido a méta.

Como vêm nenhuma qualidade concorre em mim para o bom desempenho do logar que occupo e por isso depôno nas mãos do Sr. Presidente da Assembleia Geral o meu cargo de Presidente da Direcção terminando por deixar aqui bem claramente expresso o que penso sobre a Ass. Cinematográfica de Portugal: Ela pouco pôde fazer presentemente mas ajudem todos a mantê-la e a levantá-la, porque lá virá tempo em que possa prestar grandes serviços aos profissionais de Cinêma e á arte cinematográfica portuguesa.

*

* *

Troca de algumas explicações entre o sr. Augusto Claro, Rafael Alves e outros sócios, á Assembleia declarou-se satisfeita com o critério seguido pela Direcção no assunto em discussão. Postos á votação os pedidos de demissão dos srs. João de Souza Fonseca e Rafael Alves,

é o primeiro aceite e o segundo regeitado ambos por unanimidade.

O sr. Rafael Alves, lamenta que a Assembleia não tenha querido aceitar as razões que invocou para se demitir.

Terminado o debate sobre este assunto passa-se á segunda parte da ordem dos trabalhos.

ASSUNTOS COLÉTIVOS

Pêde-se para que a Assembleia se manifeste ácerca do dispôsto no paragrafo do art.º dos estatutos, visto que um socio auxiliar pretende invocar essas disposições para ser admitido como socio efetivo.

Manifestam-se varias opiniões, sendo por fim regeitada a pretensão.

Aprova-se seguidamente, sob proposta da Direcção, que ao sr. Antonio Lourenço da Costa, director tecnico da Foto-Cinêma-Açôres, seja entregue a organização da delegação do sindicato em todas ilhas do arquipélago dos Açôres.

E não havendo mais que discutir foi a Assembleia encerrada, após a aprovação de dois votos de louvôr aos srs. presidentes em exercicio José Climaco e Luiz de Magalhães, pela inteligência e acerto com que dirigiram os trabalhos, e ainda um outro de agradecimento á Direcção do G. A. Teatraes, pela cedência das suas salas para a efectivação desta Assembleia.

Resposta ao «Cinéfilo»

O sr. Avelino d'Almeida, mandou que me respondessem. E responderam. Como eu previra, atiraram-se ao pseudónimo. Muito bem. Queiram responder-me: Quando alguém fala verdade precisa de dizer o nome para... falar mais verdade ainda?

Quem eu sou?... O «Cinéfilo» o diz: Um João Ninguém, desconhecido gosador das fraquezas alheias. Mas falo verdade. A pessoa que o senhor A. de A. deu por si é que quiz embrullhar as coisas. Eu não disse que os titulos ou legendas de «Rei dos Reis» fossem máu portugûes. Se o dissesse, claro que mentiria. O que eu disse foi que o director do «Cinéfilo» com toda a sua reflexão pausada era um irrefletido pois batia nos tradutores que são obrigados a traduzir a correr (o que é verdade) e que depois, ele proprio traduzira lentamente (o que é verdade) emendando quanto quiz (muito verdade), eliminando ou aumentando se lhe aprouve (mais verdade) vendo o filme todas as vezes que quiz (verdade como punhos) e que, no fim, não ficou com vontade de continuar (o que ninguem pôde negar pela propria evidencia dos factos). Mais disse que, se o portugûes das legendas era bom, a sua fórma não era a melhor para publico; e não se diga que o publico gosta de de lêr asneiras mas sim que embirra, muito justamente, com fórmas preciosas, puristas em demasia, fórmas decerto eruditas mas de certo pedantes como seja «o osculo de Judas» pela fórma corrente, tradicional de «o beijo de Judas» que seria a que devia empregar-se, por igualmente correcta e menos propria a excitar a hilariedade, que não aprovo, mas que constatei das três vês que tive o gosto de vêr a obra prima de Cecil B. Mille.

E pése ao senhor A. de A. e á vernaculidade respeitavel de Manuel Fernandes Santana, isto que digo gran verdade é também. O defensor anónimo de A. de A. não veio com sorte á liça. Quando falei na admissão junto das emprêsas não aludi a proventos materiais, não aludi sequer ao facto, absolutamente legitimo, de «Cinéfilo» fazer os seus anuncios, redigidos ou não, a esta ou

aquela emprêsa. Está no seu direito. Nada tenho que vêr com isso. Mas disse a verdade quando verberei a irreflexão com que o sr. A. de A. pôe de remissa, olímpicamente desdenhoso, a ideia de *cinêma portugûes*, a mesma irreflexão e aqui, vejam bem, actuo por método inteiramente comparativo e com uma logica serenissima, com que condenou os maus tradutores (pobres d'elles) para, depois de escaldado, deixar passar sem protesto, actualmente, as legendas do sr. Roquete etc. Porque eu garanto ao sr. Avelino de Almeida, por cuja cultura e saber, dou-lhe a minha palavra d'honra, tenho apreço e respeito, que, se traduzisse nas condições económicas dos párias das traduções e *sem vêr as fitas*, etc. faria também grandes e graves disparates contra a lingua e a lógica. É a irreflexão ou a amizade do sr. A. de A. levou-o contra os tradutores quando o devia levar contra as emprêsas que não extráhem dos seus espantosos lucros mais do que umas migalhas miserias para cuidar o que é imprescindível á honestidade do seu negócio; a apresentação do filme com letreiros em bom portugûes. E sem «escovinhas» de dialectica diremos ao anónimo defensor de A. de A. que, se não provamos as afirmações que deseja ver provadas é pela simples razão de que, só a sua fantasia hiper-excitada viu nas nossas palavras tais afirmações. E... aconselhamos a sua verbosidade a empregar-se na discussão do restante do meu artigo, naquilo que afinal importa. Pôde ou não criar-se cinêma portugûes? Pôde ou não obrigar-se qualquer emprêsa estrangeira, anunciante ou não do «Cinéfilo», a não nos considerar uma colónia que servê apenas para pagar bilhetes cáros e vêr-lhe as más fitas dos «cavalinhos a correr e meninas a aprender»?

O senhor A. de A. mais os seus defensores entendem que não?... Porquê?... Já o disseram claramente? Já deram quaisquer razões lógicas? Já repeliram as *verdades* do meu artigo?... Não!... Pois então...

Tem a palavra quem a quizer tomar!—

TERTIUS